

## A cristologia de João Batista Libanio

*Francisco Thallys Rodrigues*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa apresentar os principais elementos da pessoa de Jesus presentes no conjunto dos escritos de João Batista Libanio que permitem entender as suas análises cristológicas, bem como suas opções de vida e fé. Inicialmente apresenta o seu percurso existencial-teológico e seu modo de compreender a realidade, em seguida ressalta os cinco eixos que balizam sua reflexão cristológica e a partir destes elementos intenta responder a questão sobre se existe ou não originalidade em seus escritos cristológicos.

**Palavras-chave:** Linguagem. Jesus histórico. Liberdade. Evangelhos. Opção pelos pobres.

**Résumé:** Cet article entend présenter les principaux éléments qui constituent la personne de Jésus permettant de mieux comprendre les analyses christologiques du João Batista Libanio, ainsi que ses options de vie et de foi. Ce travail présentera tout d'abord le parcours existentiel et théologique de João Batista Libanio ainsi que sa façon d'interpréter la réalité. Ensuite, il soulignera les cinq axes qui jalonnent la réflexion théologique de l'auteur. C'est à partir de tous ces éléments que l'on essaiera de répondre à la question qui se pose de savoir si les ses écrits christologiques présentent ou pas une originalité.

**Mots-clés:** Langage. Jésus historique. Liberté. Evangeles. Option pour les pauvres.

**Abstract:** This article intends to present the main elements that constitute the person of Jesus allowing a better understanding of the Christological analyzes of João Batista Libanio, as well as his options for life and faith. This work will first present the existential and theological journey of João Batista Libanio as well as his way of interpreting reality. Then, he will underline the five axes which mark out the theological reflection of the author. It is from all these elements that we will try to answer the question that arises as if his Christological writings present an originality.

**Keywords:** Language. Historical Jesus. Freedom. Gospels. Option for the poor.

---

<sup>1</sup> Francisco Thallys Rodrigues Foi bolsista foi bolsista da FAPEMIG e foi orientando do Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori em sua iniciação científica, concluída em 2017, como estudante de Teologia. Seu plano de trabalho esteve vinculado ao projeto de pesquisa de seu orientador, intitulado “Fé e contemporaneidade”. Francisco Thallys é hoje Especialista em Sagradas Escrituras pela Escola Superior de Teologia (EST), Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). É Presbítero da Diocese de Crateus-CE.

## 1 VIDA E OBRA DE UM TEÓLOGO BELORIZONTINO

O pensar teológico irrompe da experiência íntima e profunda do crente com Deus e seus contemporâneos dentro de uma comunidade que se solidifica e aufere contornos na medida em que este sujeito amadurece e aprofunda sua fé. Neste sentido, o contributo teológico de qualquer indivíduo está diretamente relacionado ao seu percurso existencial-espiritual, por conseguinte, entender e absolver os meandros de suas análises exige ver os interlocutores e os espaços com que se comunica, para em seguida captar e analisar suas contribuições para a teologia e, por fim, responder a pergunta: qual a originalidade/contribuição desta teologia? Este será o itinerário do presente artigo que visa apresentar a cristologia de João Batista Libanio.

João Batista Libanio (1932-2014), teólogo mineiro, foi um dos grandes propagadores da *Nouvelle Theologiae* no Brasil, destacando-se, sobretudo, pela facilidade com que analisava a realidade, na abordagem de temas relativos à fé na contemporaneidade e pela associação das diferentes ciências na busca por responder aos dilemas do homem contemporâneo. Libanio contribuiu para aproximar a teologia das pessoas para além do espaço das universidades e cátedras de teologia, cooperando para que as pessoas pensem, verbalizem, critiquem a experiência da vida.

A trajetória deste teólogo jesuíta moldou-lhe o modo de pensar a fé e os problemas humanos, exigindo-lhe um diálogo constante com diferentes correntes de pensamento. O próprio Libanio afirma que esteve em contato com diferentes interlocutores pelos quais também foi influenciado, entre eles, o teólogo belorizontino destaca três grupos. O primeiro formado por aqueles que assessoraram o Concílio Vaticano II: K. Rahner, Y. Congar, H. Kung, J. Ratzinger, De Lubac, B. Haring, E. Schillebeeckx, J. Alfaro, Z. Alzeghy, entre outros. O segundo composto pelos teólogos da libertação: G. Gutiérrez, J. L. Segundo, os irmãos Boff, J. Sobrino, P. Richard, R. Munõz, H. Assmann, J. Comblin, entre outros. E o terceiro composto por autores do campo crítico social, desde os clássicos como K. Marx passando por M. Weber, Poulantzas, Lukács, Altusser, M. Foucault, Goldmann até os brasileiros L.A. Gómez de Sousa, Pedro R. de Oliveira, Manfredo Oliveira. Um interlocutor singular fora Pe. Lima Vaz, colega jesuíta docente na FAJE, com quem aprofundara seu conhecimento filosófico<sup>2</sup>.

A teologia de Libanio surge do diálogo constante com esses autores, com a Sagrada Escritura e com a Tradição eclesial, que estava associada às suas atividades pastorais e docentes por todo o Brasil. Esta inter-relação entre teoria e práxis era interiormente reverberada por Libanio tornando-se ocasião de um livro ou artigo. De modo que aquela reflexão era registrada, compartilhada, celebrada, divulgada desde revistas conceituadas de Teologia, fora e dentro do país, até singelos jornais de paróquias do interior que pediam para que escrevesse um breve texto sobre um assunto espinhoso ou uma palavra de ânimo na caminhada.

2 SENRA, Flávio. Anexo I. Entrevista a Flávio Senra. In: MURAD, A.; BOMBONATO, V. *Teologia para viver com sentido*. São Paulo: Paulinas, 2012, p.210.

Destarte, o fazer-ser teologia envolvia a totalidade da vida de Libanio. Faustino Teixeira ao falar da relação entre Libanio e a teologia recorda:

Não há como fazer teologia, indica Libanio, sem inteligência, coração e compromisso. A inteligência faculta a luz necessária para lucidez do trabalho teológico. O coração possibilita vencer a frieza e acolher a inspiração da intuição, que faz a teologia ser tocada pelo *pathos* de Deus. E o compromisso favorece a inserção viva e criativa da teologia no quadro da realidade social.<sup>3</sup>

Portanto, a obra teológica de Libanio, em toda sua abundância, é fruto saboroso de sua experiência como jesuíta, como professor da FAJE, como constante leitor e estudioso, como assessor por todo o Brasil, do seu contato sempre constante com os jovens, do seu serviço pastoral em Vespasiano, de sua participação no grupo de teólogos Emaús e de seu contato com a teologia Latino-americana. Nela, pulsa o coração de um teólogo inquieto.

## 2 MÉTODO LIBANIANO DE ANÁLISE DA REALIDADE

O modo de ser-fazer teologia de Libanio advém de seu itinerário teologal. Caracteriza-se, sobretudo, por um empenho em confrontar os problemas do mundo hodierno à luz da fé cristã, descortinando os embustes da cultura líquida na medida em que emprega o instrumental disponível pelas ciências sociais. Há uma clara preocupação com a relação entre fé e cultura, em consonância com a *Gaudium et Spes*, por isso a opção por aplicar as diferentes ciências e áreas da teologia no discurso teológico.

Metodologicamente Libanio compreende a realidade (eclesial e secular) a partir de três ângulos: dialético, genético-estrutural e heurístico. A perspectiva dialética é entendida a partir de três momentos: o primeiro consiste em enxergar a positividade de uma realidade, o segundo em ver a sua negatividade percebendo a ambiguidade da mesma realidade e o terceiro momento consiste em perguntar-se sobre as novas possibilidades na linha criativa. O método genético-estrutural trabalha com dois tipos de análise, o primeiro a partir do olhar histórico e o segundo desde a estrutura básica. O método heurístico consiste numa reação-reflexão criativa a partir de um texto lido e analisado formando uma reflexão pessoal. Este último era o método usado por Libanio nos últimos tempos.<sup>4</sup>

Caracteriza-o o diálogo constante com os grandes grupos e diferentes formas de conhecimento expresso em suas citações, referências bibliográficas e análises dos discursos. Libanio não é autor de um tema, um especialista, mas um generalista no melhor sentido da palavra, capaz de dialogar e relacionar os diferentes conhecimentos, associar diferentes

3 TEIXEIRA, Faustino. Cultivo da formação e a vida intelectual. In: MURAD, A.; BOMBONATO, V. *Teologia para viver com sentido*. São Paulo: Paulinas, 2012, p.169.

4 SENRA, Flávio. Anexo I. Entrevista a Flávio Senra. In: MURAD, A.; BOMBONATO, V. *Teologia para viver com sentido*. São Paulo: Paulinas, 2012, p.208-209.

métodos e compreensões da realidade. Na entrevista a Flavio Senra, Libanio afirma que mais que um eixo temático, sua busca tinha um “eixo-horizonte filosófico-teológico de maneira dialética”<sup>5</sup> em torno do qual escreveu sobre os mais variados temas que, posteriormente, foram sistematizados em eixos temáticos. Também confessa “ser muito devedor do pensamento e do longo diálogo de vida estabelecido com o Padre Henrique Vaz”.

Desde seus primeiros escritos, afirma Libanio, suas reflexões acompanharam o desenrolar histórico, primeiro a partir de três horizontes<sup>6</sup> trabalhados na obra *Formação da consciência cristã 1: subsídios filosófico-culturais*, e, posteriormente, a partir de um quarto horizonte, o da pós-modernidade, como radicalização da modernidade e como oposição a ela. Este último aparece trabalhado na edição reformulada de *Cenários da Igreja - Num mundo plural e fragmentado*.

### 3 A PROPÓSITO DA REFLEXÃO CRISTOLÓGICA DE LIBANIO

Sendo Libanio um teólogo generalista, escreveu sobre uma variedade de temas percorrendo as diferentes áreas do conhecimento teológico, incluindo a redação de alguns artigos e livros sobre a pessoa de Jesus. Contudo, nos últimos anos de sua vida ocorreu um progressivo interesse por aprofundar o estudo sobre a pessoa de Jesus, em parte este despertar adveio do desenvolvimento da pesquisa da exegese moderna, mas também em razão da reflexão cristológica latino-americana.

Cada vez mais frequente o Jesus histórico e a partir dele busco luz para a vida, pastoral e estudos. Aliás, pertence ao cerne da espiritualidade inaciana dedicar nos Exercícios Espirituais amplíssimo espaço às meditações dos mistérios da vida de Jesus. Hoje com a contribuição da exegese e de estudos históricos, a figura do Jesus palestinese, mesmo que lido à luz da ressurreição, se nos torna expressiva e instigante.<sup>7</sup>

Este interesse crescente pela pessoa de Jesus conduz Libanio a sistematizar os seus estudos na *Coleção Linguagens sobre Jesus*. Estes quatro livros apresentam as principais perspectivas cristológicas que se desenvolveram ao longo dos séculos analisadas a partir da óptica de Libanio. Note-se que alguns destes temas já aparecem timidamente nos primeiros artigos de Libanio na década de 70 e noutros textos da década de 90. Entretanto, não se pode asseverar

5 *Ibidem*, p.209

6 “1) o da objetividade clássica; 2) o das transformações produzidas pelas coordenadas básicas da primeira modernidade (imagem científica do mundo, subjetividade e história); 3) o da especificidade do pensamento latino-americano, com sua ênfase na práxis, em diálogo crítico com a segunda ilustração e a corrente marxista.” DE MORI, Geraldo. João Batista Libanio: os principais eixos temáticos de uma teologia em constante movimento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v.48, n.3, p.572-589, set./dez, 2014, p.582.

7 LIBANIO, João Batista. Acolhi a vida como dom. *IHU on Line*, São Leopoldo, v.12, n.394, p.7-12, 28 maio 2012. Entrevista concedida por e-mail à Graziela Wolfat e Luis Carlos Dalla Rosa.

que tenhamos uma mera repetição, mas que há uma evolução cristológica no pensamento de Libanio.

Neste sentido, compreende-se que existam temas nucleares presentes nos dois momentos e temas secundários que despontam no próprio processo de evolução cristológica em curso. Para tanto, a presente pesquisa, visando apontar os temas nucleares e seu desenvolvimento, tomou como ponto de confluência um poema-texto do artigo *Creio em Jesus Cristo* escrito na primeira pessoa do singular, aludindo à própria experiência teológica de Libanio.<sup>8</sup> O Poema sublinha a humanidade de Jesus como chave de revelação da sua divindade (Os evangelhos), a sua inserção histórica (exegese moderna), sua relação de amor-doação para os outros (seguimento de Jesus), especialmente os excluídos (opção pelos pobres), sua obediência a Deus e ao mesmo tempo sua enorme liberdade (Liberdade de Jesus).

#### 4 EIXOS FUNDAMENTAIS DA REFLEXÃO CRISTOLÓGICA

Elegemos cinco temas, entre os muitos possíveis, presentes no conjunto dos escritos de Libanio. Estes temas não esgotam a reflexão libaniana, mas apresentam-se como eixos fundamentais que açambarcam os elementos cristológicos principais acentuados por Libanio. Eles estão presentes no poema, como mostrado anteriormente e se repetem ao longo dos escritos como ideias nucleares.

##### 4.1 JESUS E OS EVANGELHOS

A modernidade tardia ou pós-modernidade distingue-se por um acentuado desenvolvimento do mundo tecno-científico e do subjetivismo moderno associado a um discurso racional-empírico. Entretanto, irrompe com severa força a redescoberta da linguagem narrativa, que se manifesta como alento consolador neste mundo de racionalidades científicas. Esta linguagem, tão utilizada pelos nossos ancestrais longínquos, atrai o ser humano pela sua capacidade de atingir-lhes os sentidos, a sua abertura teológica ao divino, por conseguinte, é uma linguagem adequada para falar de Deus.<sup>9</sup>

Esta linguagem era própria dos contemporâneos de Jesus e a ela temos acesso através dos evangelhos, que são marco referencial para a fé cristã. Os evangelhos apresentam-se como um gênero literário que anuncia-sintetiza uma mensagem fruto de um longo processo

8 “...Creio no mais humano dos homens que nesse excesso de humano me revela Deus. Creio naquele que só-foi-para-os-outros e nessa doação total me revelou Deus. Creio naquele que viveu em plenitude dialética da obediência a sua missão e a liberdade interior diante de qualquer lei, qualquer costume, qualquer realidade. Creio naquele que na simplicidade de sua vida, na singeleza de seu existir, no encanto de suas amizades me revelou a face divina. Creio enfim, naquele que sendo Deus me revelou Amim mesmo a minha própria realidade de homem...” *Idem*, 1972. p.19.

9 LIBANIO, João Batista. *Linguagens sobre Jesus (2): as linguagens narrativa e exegética moderna*. São Paulo, 2012. (Temas bíblicos), p.16.

de anúncio experimentado pelas primeiras comunidades cristãs que se utiliza de elementos próprios da literatura daquele tempo como provérbios, enigmas, frases sapienciais, parábolas, alegorias e metáforas. A redação dos evangelhos é fruto do trabalho de muitas mãos, no qual cada cristão implicado tinha muita liberdade para introduzir e modificar elementos da redação.<sup>10</sup>

Os Evangelhos apresentam a pessoa de Jesus desde perspectivas diferentes segundo o itinerário de cada comunidade, suas dificuldades e seus destinatários. Contempla diferentes momentos da vida e pregação de Jesus, “a seleção não é inocente. Responde a um objetivo”<sup>11</sup>. Entender os diferentes ângulos e acentos contemplados permite compreender como o processo de anúncio da fé cristã comporta uma dimensão de inculturação. Ao mesmo tempo, observar quais destas características são enfatizadas por Libanio permite entender a centralidade e importância que ocupam os evangelhos na sua reflexão cristológica. O Novo Testamento, especialmente os evangelhos, elabora diferentes linguagens sobre Jesus, nas quais são destacados diferentes aspectos da personalidade de Jesus, bem como diferentes confissões de fé. O mesmo ocorre, com diferentes elementos, com as cartas de Paulo e a epístola aos Hebreus.

O Evangelho de Marcos é marcado por seu destinatário, a saber, o cristão de origem não judaica. Pretende explicitar ao pagão a filiação divina de Jesus utilizando-se abundantemente de uma geografia teológica, em que traça o itinerário da fé do discípulo que se põe a seguir Jesus. Neste itinerário, o discípulo vai descobrindo quem é este Jesus de Nazaré, “o drama marcano ocupa-se das perguntas que se fazem à pessoa de Jesus e das respostas dadas, ora veladas, ora explicitamente”<sup>12</sup>. Marcos desperta o leitor ao seguimento de Jesus e traça o seu itinerário a partir de em três etapas: o chamado, a formação e a revelação em Jerusalém, “no fundo, o Evangelho traça o caminhar do discípulo em meio às dúvidas, aos questionamentos até a clareza da confissão da filiação divina em Jesus”<sup>13</sup>.

O grande tema do evangelho de Lucas é “ação visitadora de Deus a seu povo”<sup>14</sup>. Lucas produz uma teologia da história buscando estabelecer uma cronologia que torne visível a ação salvadora de Deus na vida humana e, por isso, apresenta a sua teologia num percurso que vai desde a Encarnação até o tempo do Espírito e que se estende para os confins da terra. Destaca-se também em sua abordagem a relação de Jesus com as mulheres, a tensão vivida por Jesus em suas atitudes entre o amor e a severidade, a sua vida de oração<sup>15</sup> e como Ele revela o rosto misericordioso de Deus.<sup>16</sup>

10 *Ibidem*, p.89.

11 *Ibidem*, p.88.

12 LIBANIO, *op. cit.*, p.97.

13 *Ibidem*, p.99.

14 *Ibidem*, p.120.

15 Cf. *Ibidem*, p.111-112.

16 Cf. *Ibidem*, p.117.

O Evangelho de Mateus reflete o ambiente conturbado do tempo em que foi escrito. Associa a crise experimentada pelos cristãos vindos do judaísmo e a relação com os pagãos, reflete os problemas urbanos e a relação dos cristãos com a sinagoga<sup>17</sup>. Jesus aparece como cumpridor e observante da Lei, contraposto aos fariseus, pois exige uma compreensão mais profunda do significado da Lei<sup>18</sup>. Mateus apresenta Jesus como o mestre que ensina<sup>19</sup> e como o novo Moisés. Dedicava amplo espaço para falar do Reino dos céus, pois prefere esta expressão a Reino de Deus. A realidade do Reino é bem complexa e de compreensão bastante ampla como mostram as diferentes parábolas de Jesus. Em Jesus, as promessas feitas a Israel são cumpridas, pois Jesus é o cume da história de Israel<sup>20</sup>.

A linguagem de João é marcada por uma beleza artística singular: imagens, cenas, símbolos, etc. Ressalta a comunhão que existe entre Deus e Jesus manifesta pelas obras que Jesus realiza, “Contemplar a Jesus significa contemplar a Deus, o Pai. Porque ele faz as suas obras, e o Pai está nele e ele no Pai (Jo 10,37-38). Ele e o Pai são um (Jo 10,30)”<sup>21</sup>. Os judeus não foram capazes de perceber esta relação entre Deus e Jesus, “eles não o entenderam, não lhe captaram o mistério, não perceberam nele a presença do Pai”<sup>22</sup>. A linguagem joanina utiliza-se abundantemente dos sinais que apontam para uma realidade que só é compreendida no momento da glorificação de Jesus na cruz. Trabalha com o contraste entre luz e trevas, acenando para a necessidade do discípulo realizar uma escolha clara.

Seria demasiada distorcida uma cristologia que se propusesse a estabelecer um diálogo com o homem hodierno sem partir dos escritos mais essenciais na transmissão da fé cristã: os evangelhos. Libanio, ao traçar a figura de Jesus, sempre reserva um espaço para mostrar desde os evangelhos a gestação cristológica experienciada nas comunidades cristãs relegadas aos seus contemporâneos. Este acento do teólogo belorizontino, presente em seus primeiros textos e sistematizado em sua coleção, aponta para a existência, desde os antigos, de uma pluralidade linguística e de horizontes de sentido no modo de falar de Jesus.

#### 4.2 JESUS A PARTIR DA PESQUISA HISTÓRICA

A figura de Jesus, desde seu mistério pascal, sempre estimulou a redação de inúmeros textos sobre a sua vida e de seguidores. O contato desde pequeno núcleo de seguidores com a filosofia e outras formas de conhecimento, dentro de um contexto de crises e mudanças, moldou o acento e as discussões em torno de sua pessoa, chegando até os dogmas cristológicos. A produção subsequente dedicou-se a ressaltar aspectos de sua pessoa segundo as necessidades eclesiais de cada tempo. Entretanto, na modernidade, a pesquisa sobre o Jesus

17 Cf. *Ibidem*, p.122-123.

18 Cf. *Ibidem*, p.124.

19 Cf. *Ibidem*, p.125.

20 Cf. *Ibidem*, p.136

21 LIBANIO, *op. cit.*, p.144.

22 *Ibidem*, p.145.

histórico, auxiliada pela exegese moderna impactou toda a Cristologia existente e, ao mesmo tempo, reacendeu o interesse maior pela pessoa de Jesus.

A exegese moderna contribuiu para recolocar a pessoa de Jesus no centro das reflexões e discussões teológicas. Os métodos crítico-históricos ao longo de seu desenvolvimento mostraram-se como instrumental necessário na compreensão mais ampla dos Evangelhos chegando inclusive a reiterar, a partir da análise científica, uma afirmação básica da fé cristã, a saber, que os relatos evangélicos são o meio pelo qual nós temos acesso ao Jesus da história que aparece relido à luz da fé da comunidade pós-pascal. Esta afirmação somente foi possível dentro de um processo que passou da crítica radical a historicidade do texto evangélico para o entendimento dos meandros de sua construção.

A fixação do texto possibilitou uma maior aproximação dos textos evangélicos originais através de edições críticas, bem como supor quais foram as tradições que os escritores evangélicos tiveram acesso. Deduziu-se que estas tradições advêm da grande capacidade que os semitas tinham de guardar na memória as diferentes experiências vividas ao longo de sua vida, especialmente aquelas que marcaram sua existência como a convivência com Jesus e a experiência na comunidade cristã.

A pesquisa exegética buscou aproximar-se o máximo possível do Jesus histórico antes da teologização das primeiras comunidades possibilitando uma maior proximidade entre o leitor e o ambiente no qual Jesus viveu, suas experiências, o que lhe era mais caro, elementos de sua vida que são pouco ressaltados e que o torna mais próximo ao homem de hoje.

A exegese moderna cooperou de modo desmedido para a reflexão cristológica, entretanto, estabeleceu um dilema que perdurou por muito tempo, na verdade, um pseudo-problema, a oposição entre o Cristo da fé e o Jesus da história. “Eles romperam a leitura literalista, espiritualista tradicional e nos introduziram no difícil jogo do Jesus da história e do Cristo da fé, ora inclinando-se para um, ora para outro”<sup>23</sup>. Contudo, foi o contínuo desenvolvimento destes estudos que permitiu perceber a validade e o marco referencial que são os evangelhos. Portanto, não se podem desconsiderar os avanços e contribuições da pesquisa exegética, nem negar como esta possibilitou a redescoberta de traços essenciais da pessoa de Jesus, mas impõe como necessária a distinção entre o que é meio e o que seja fim nos estudos exegéticos e quais as consequências de tais avanços para a cristologia.

Essa reflexão deixa-nos uma certeza, uma dúvida e uma verdade da fé. A certeza vem do fato de que, com tantas pesquisas, temos hoje mais elementos para aproximar-nos do Jesus histórico. (...) A dúvida surge do fato da pluralidade das pesquisas, do entretanto entre os próprios pesquisadores. (...) A verdade da fé nos diz que ela, de um lado, não depende das contingências das investigações, de outro, não

23 LIBANIO, *op. cit.*, p.60.

prescinde delas e encontra aí elementos para crescer em lucidez.<sup>24</sup>

O edifício aparentemente sólido e inquestionável no qual a cristologia havia se colocado sofreu uma enorme reviravolta com os questionamentos da exegese e das ciências. Por conseguinte, a reflexão cristológica obrigou-se a repensar o seu percurso e suas afirmações dos últimos séculos tentando voltar-se para o mais central da fé. As respostas para este momento de crise foram gestadas segundo as circunstâncias e tradições de seus interlocutores e como consequência este processo “gerou uma cristologia de forma pluralista em confrontação ousada com a problemática complexa da atualidade”<sup>25</sup>. Portanto, esta situação ímpar da modernidade favoreceu a multiplicação de diferentes perspectivas cristológicas.

Libanio confessa ser muito devedor dos estudos exegéticos para a sua compreensão de Jesus. Mesmo apontando os seus limites, ele assevera a importância e a necessidade de utilizar este instrumental em qualquer reflexão teológica, com o risco de cair em certo fundamentalismo ou pieguísmo caso o ignore. Esta valorização da exegese aparece na sua análise dos diferentes tipos de linguagens sobre Jesus que coexistem no tempo presente. Destarte, os avanços científicos acham-se úteis quando favorecem o crescimento e amadurecimento da fé do crente.

#### 4.3 O SEGUIMENTO DE JESUS

Para Libanio, torna-se urgente em nossos tempos que a pessoa de Jesus volte a ocupar a centralidade de nossas vidas e discursos, pois a questão primordial na atualidade não é a elaboração de mais uma cristologia, mas a vivência do seguimento de Jesus. “A centralidade de Cristo não se capta fora do seguimento. Não é uma doutrina que se ensina nem uma visão histórica que se esposa, mas uma realidade que se experimenta.”<sup>26</sup>

No processo de seguimento a Jesus corre-se o risco de optar por vias que não conduzem a um verdadeiro seguimento. Entre estas tentações está a possibilidade de optar pela via de um fundamentalismo pré-moderno ou seguir “o caminho oposto da querigmatização total”. Neste sentido, o grande desafio em nossos tempos consiste em elaborar criativamente o caminho de Jesus para nós levando em consideração os dados da exegese e dos estudos modernos. O fundamento deste seguimento encontra-se no chamado de Jesus para segui-lo, na sua vinculação com o Reino e na sua autoconsciência filial<sup>27</sup>. Destarte, todo percurso de seguimento que desconsidere estes elementos está na contramão do seguimento de Jesus.

A possibilidade de seguimento a uma pessoa ou ideia está diretamente associada ao conhecimento que dela temos. No caso de Jesus, este acesso acontece por meio da experiência

24 *Idem*, p.72

25 *Idem*, 1975, p.37.

26 *Idem*, 1997, p.242.

27 Cf. *Idem*, 1993, p.79.

que fez a comunidade cristã primitiva com ele e, conseqüentemente, o modo como esta comunidade viveu a radicalidade do seguimento torna-se modelo para todos os tempos<sup>28</sup>, visto que experimentou a proximidade física e espiritual com Jesus enfrentando os primeiros desafios da fé cristã. Portanto, a experiência da comunidade cristã legada às gerações subsequentes oferece a base necessária para conhecer Jesus Cristo e amá-lo.

No tempo de Jesus, a existência de mestres e seus seguidores não era estranha aos judeus, contudo o seguimento de Jesus transpõe os padrões da época desde a escolha dos discípulos até o modo como Jesus se relacionava com eles<sup>29</sup>. Jesus, ao contrário dos mestres de seu tempo, avoca a iniciativa de chamar e escolher os discípulos com liberdade, isto é, a partir de critérios incompreensíveis à primeira vista. Escolhe homens simples sem grande expressão social ou até mesmo rejeitados pela sociedade por serem considerados coniventes com o Império Romano.

Cada discípulo ao escutar o chamado de Jesus imediatamente deixa suas ocupações para segui-lo mesmo sem ter a clareza das conseqüências. Para os discípulos, acolher o chamado significou desvencilhar-se geograficamente e afetivamente dos laços que os atavam para mudar de vida em relação ao passado (converter-se), aprender de Jesus no presente e comprometer-se com o anúncio de sua mensagem no futuro<sup>30</sup>.

Mesmo respondendo ao convite de Jesus, o seguimento somente tornou-se realizável porque os discípulos conviveram com Jesus, andaram lado a lado, aprenderam a amá-lo e tiveram a coragem de continuar a caminhada após a morte e ressurreição do Mestre, animados pelo Espírito. Fica claro que neste processo o discípulo deve engajar-se pela causa do Reino tendo consciência de que o seguimento, em razão de suas exigências, comporta momentos de crise, tentações e incompreensões.

A situação hodierna exige que, mirando o itinerário de Jesus, na Igreja Latino-americana, se recrie o caminho de Jesus considerando as nuances do presente e o modelo fundamental que nos deixou a comunidade cristã pós-pascal<sup>31</sup>. Este processo dá-se num verdadeiro círculo hermenêutico: conhecendo Jesus podemos segui-lo, seguindo-o podemos conhecê-lo e amá-lo sem desconsiderar as contribuições exegéticas na efetivação deste processo<sup>32</sup>. Destarte, poderemos arguir que exigências e atitudes, enquanto seguidores de Jesus, nos advém das contingências do tempo e da história à luz do seguimento a Jesus<sup>33</sup>. “Nosso seguimento defronta-se com o Absoluto da pessoa de Jesus, que nos chama, interpela, converte, envia.”<sup>34</sup>

28 Cf. *Idem*, 2010, p.284.

29 Cf. *Idem*, 1993, p.84.

30 Cf. *Idem*, 2010, p.286.

31 Cf. *Idem*, 1993, p.79.

32 Cf. *Idem*, 1993, p.81; Cf. *Idem*, 1997, p.242.

33 Cf. *Idem*, 1997, p.243.

34 *Idem*, 2010, p.302.

Para tanto, no contexto Latino-Americano, Libanio assevera que nenhum outro teólogo trabalhou melhor que Jon Sobrino a centralidade de Cristo e seu seguimento vinculado ao Reino<sup>35</sup>. Jon Sobrino elabora a sua perspectiva do seguimento de Jesus a partir da opção pelos pobres, que aparece como traço característico na vida do Mestre de Nazaré. Neste sentido, a proposta de seguimento tendo como ponto de partida a opção pelos pobres é uma retomada da própria opção de Jesus e de suas consequências para os nossos tempos, consequentemente, assumir a mesma atitude de Jesus é elemento irrecusável para segui-lo.

#### 4.4 A OPÇÃO PELOS POBRES

A opção pelos pobres se impõe como nota fundamental de um processo de vida cristã no seguimento de Jesus a partir da experiência das comunidades cristãs, condensada nos evangelhos e incitada pela exegese moderna. Este tema manifesta-se como uma constante nos inúmeros escritos de Libanio acenando para o valor contido nesta opção na sua vida como desdobramento da própria opção de Jesus. Apresenta-se, sobretudo nas obras referentes ao tema da libertação.

Jesus aponta os pobres não como desprezados por Deus ou responsáveis por sua situação, mas indica a situação de desigualdade de seus coetâneos. Por este ângulo, fica claro que “o núcleo fundamental da posição de Jesus não se refere à pobreza, mas a pessoa do pobre”<sup>36</sup>. Jesus afirma que os pobres são amados por Deus, que Ele deseja que esse amor os fortaleça e encoraja para que possam sair desta situação, uma vez que não é por sua própria culpa que o pobre encontra-se nesta condição. Ao mesmo tempo, os pobres são bem-aventurados por que sua situação permite certa relativização e desprendimento tornando-se livres diante da riqueza presente no coração de muitos ricos, além de sua disponibilidade para a missão e o serviço.<sup>37</sup>

O próprio Jesus decide-se por uma vida de simplicidade e pobreza, Ele mesmo identifica-se com os pobres e marginalizados encarnando-se em meios aos pobres. “Jesus pessoalmente vive como pobre, no meio dos pobres e privilegia-os como destinatários do Reino.”<sup>38</sup> Esta identificação conduz o seguidor de Jesus a viver o seguimento tendo em seu horizonte o compromisso com os pobres, oprimidos e explorados. Jesus atualiza para seu tempo a denúncia e defesa dos pobres feita apresentada profetas, está plenamente inserido na tradição teológica de Israel, anuncia o perdão e amor de Deus aos pecadores.

O seguimento só acontece verdadeiramente a partir da opção pelos pobres. O caminho para os ricos passa pela colaboração no processo libertador dos pobres e excluídos. “Com efeito, o pobre não é simples término da caridade do seguidor de Jesus, mas, antes de

35 Cf. *Idem*, 199, p.243.

36 *Idem*, 2010, p.311.

37 Cf. *Idem*, 2010, p.311-312.

38 *Idem*, 2007, p.52.

tudo, ele é um amado de Deus.”<sup>39</sup> Ao falar da figura de Jesus descrita pelas novas espiritualidades em curso, Libanio afirma que falta-lhes uma porção do Cristo Libertador, tão enfatizando na América Latina, que suscite nas pessoas um compromisso social que transforme a realidade em vista da libertação dos pobres.<sup>40</sup>

A opção pelos pobres é dado incontestável para o seguimento de Jesus na vida cristã e torna-se critério para a tomada de decisões no âmbito da oração, da vida comunitária, na relação com o mundo e com a missão apostólica.<sup>41</sup> “O cristão do seguimento é chamado a empenhar-se na eficácia pelo Reino, contando, porém, com as possibilidades reais de perseguição, já que, como Jesus, privilegia os pobres.”<sup>42</sup>

#### 4.5 A LIBERDADE DE JESUS

A liberdade de Jesus apresenta-se como eixo estrutural da reflexão cristológica de Libanio. Perpassa suas diferentes obras estando muitas vezes associada ao tema da libertação. Em entrevista ao instituto *Humanitas*, Libanio assinala como a Liberdade de Jesus o impressionava, desde as relações familiares até a experiência religiosa<sup>43</sup>. Esta influência no teólogo belorizontino aparece, sobretudo, na obra de sua maturidade, *A escola da liberdade*.

Ao encarnar-se, Jesus viveu a sua missão desde a experiência de ser humano, de lidar com o universo de sentido que atravessa a humanidade. Na família, Jesus fez a experiência do crente judeu aprendendo com seus pais a partir das normas e princípios que regiam a sociedade. Entretanto, em alguns momentos demonstrou enorme liberdade diante de sua família como quando foi ao Templo em Jerusalém com a idade de 12 anos e aí permaneceu, “o encontro de Maria e José com Jesus marca mais um sinal de liberdade”<sup>44</sup>. Depois, já na vida adulta, Jesus mostra-se livre quando sua mãe e seus irmãos o procuram e ele responde com liberdade. No fundo, está uma profunda experiência de Deus que permite relativizar o parentesco quando necessário. Esta mesma exigência, Jesus aplica aos discípulos em relação as suas famílias.

Jesus mostrava-se extremamente livre diante das instituições religiosas e dos costumes epocais sempre que a vida humana estava em situação de vulnerabilidade, “quando entrava outro valor maior, a vida humana, a saúde do enfermo, a misericórdia em relação ao pecador, então ele assumia a liberdade de ir além da materialidade”<sup>45</sup>. Jesus não se identificava com os grupos religiosos de seu tempo, era livre para assumir alguns elementos sem fazer parte

39 *Idem*, 1993, p.89.

40 Cf. *Idem*, 2007, p.44.

41 Cf. *Idem*, 2010, p.297.

42 *Idem*, 1993, p.88.

43 LIBANIO, João Batista. Acolhi a vida como dom. *IHU on Line*, São Leopoldo, v.12, n.394, p.7-12, 28 maio 2012. Entrevista concedida por e-mail à Graziela Wolfat e Luis Carlos Dalla Rosa.

44 *Idem*, 2013, p.140.

45 *Idem*, 2013, p.142.

de nenhum. Livre diante das autoridades judaicas e romana, “Pilatos interroga a Jesus. Em dado momento, Jesus não lhe responde. Irritado, diz-lhe que tem autoridade para soltá-lo ou condená-lo. De volta, recebe a resposta de quem possui a liberdade do Filho de Deus”.<sup>46</sup>

As relações humanas de Jesus são marcadas por enorme liberdade. Jesus aproxima-se de grupos considerados impuros ou de segunda categoria sem temer interpretações. Diante daqueles que padecem de enfermidades e pedem-lhe a cura, Jesus não hesita em tocá-los, andar com eles. Escolhe como discípulos homens sem prestígio ou grandes talentos. Revolucionaria na sua relação com as mulheres, tão discriminadas no ambiente judaico, chegando a defender a mulher diante da possibilidade de morte, “em face da Lei de Moisés, que prescreve a lapidação da pecadora, Jesus posicionou-se pelo perdão absolutamente imprevisto, desafiando ainda os agressores”<sup>47</sup>, não lhe preocupava se as mulheres faziam refeição com ele ou se o acompanhavam aonde ia.

Jesus viveu sua caminhada terrena pautada na entrega total de sua vida aos marginalizados, segregados pela sociedade e pela religião, e o fez com grande liberdade. Na verdade, as atitudes de Jesus revelavam a face misericordiosa de Deus preocupada com a vida humana. “Ora, ser obediente como foi e ao mesmo tempo tão livre, só pode ser Deus.”<sup>48</sup> Jesus revelou o projeto de amor de Deus com entranhas de misericórdia e liberdade numa vida humana de radical entrega aos outros.

Esta liberdade de Jesus se nos apresenta como uma única liberdade em um duplo movimento interior e exterior que no fundo tinha a profunda *experiência* de Deus como Pai. “A liberdade interior dava-lhe enorme liberdade exterior em face dos costumes e regras que cercavam e que ele, desde criança, tinha visto junto a si.”<sup>49</sup> A liberdade exterior era a grande concretização da liberdade interior que movia Jesus a partir da consciência de sua missão e de sua experiência com Deus e que lhe permitia agir livremente

Jesus manifesta quem ele é por meio de uma liberdade engajada, apoiada na sua fidelidade livre de Deus. “O humano em Cristo revela-nos Deus. Este humano aparece também na fidelidade total e livre a sua missão.”<sup>50</sup> Por conseguinte, impressiona-nos como alguém podia ser tão encarnado na história humana e ao mesmo tempo ser tão livre tendo atitudes tão desconcertantes.

Não estava interessado com as exterioridades e as possíveis interpretações que daí decorresse. Vivia de modo extremamente simples com quase nada, um andarilho errante na Palestina. Despreocupado de mostrar-se como um fiel cumpridor dos mandamentos e normas do ambiente judaico<sup>51</sup>. Ele era transparente e recato ao mesmo tempo. Desconcertante

46 *Idem*, 2013, p.147.

47 *Idem*, 2013, p.63. (Ling. 3).

48 *Idem*, 2007, p.15.

49 *Idem*, 2013, p.68. (Ling. 3).

50 *Idem*, 2007, p.14.

51 Cf. *Idem*, 2013, p.72. (Ling. 3).

para as Igrejas cristãs de nosso tempo, pois chama a uma maior sobriedade. A liberdade de Jesus balizada na experiência filial com Deus deve ser inspiração para todos os cristãos nesta sociedade que se autoproclama livre, mas que é incapaz de amar e servir.

## 5 HÁ ORIGINALIDADE NA REFLEXÃO CRISTOLÓGICA DE LIBANIO?

Toda reflexão cristológica tem como centro Jesus Cristo, sua vida e mensagem a partir da experiência da comunidade cristã pós-pascal no confronto com a situação do crente. Assim, todo discurso cristológico partindo de uma situação vital ressalta elementos da pessoa Jesus sem conseguir esgotar tudo que dele se pode se dizer possibilitando o surgimento de outros discursos que ressaltam diferentes elementos.

A multiplicidade de reflexões cristológicas, especialmente no último século, não impossibilitou uma análise séria e detalhada de suas estruturas pelo olhar crítico de Libanio. Cada discurso foi esquadrihado a ponto de se observar os elementos positivos e limitadores desta reflexão. Tal decomposição induziu Libanio a cunhar o termo linguagem para explicitar a variedade de reflexões cristológicas e entender a sua gênese e objetivo, na medida em que expôs a possibilidade real do surgimento de novas linguagens no decurso da história como parte do processo dinâmico da fé nas vicissitudes da história.

Percorrido este itinerário convém responder a pergunta: Há originalidade na reflexão cristológica de Libanio? A partir dos dados apresentados pode-se asseverar que sim. Esta originalidade não se expressa numa contribuição à pesquisa exegética enquanto tal ou ao enfoque demasiado de um aspecto de Jesus associado a algum problema hodierno. Mas, a originalidade de Libanio manifesta-se no seu modo de análise da realidade que permite ter uma compreensão ampla do conjunto das linguagens, ou dos esquemas como chamava no início, que coexistem nos diferentes espaços sejam eles eclesiais ou laicos. Por conseguinte, permite entender como cada uma destas linguagens dialoga com diferentes interlocutores e pretende ser a única linguagem válida para falar de Jesus.

Além disso, a enorme sensibilidade libaniana para com os problemas, alegrias e esperanças vividas pelo homem hodierno lhe proporcionava falar de grandes questões com simplicidade de coração, atingindo todos aqueles que a ele tiveram acesso. Articular de modo tão claro e didático elementos complexos e críticos de diferentes ciências num discurso coerente e atual apresenta-se como capacidade de poucos. No fundo, estava a alma de um pastoralista preocupado em aproximar a teologia das pessoas e dos desafios que estes enfrentavam no dia-a-dia.

Portanto, dentro do conjunto dos escritos de Libanio, as várias linguagens ou vertentes descritas formam uma verdadeira sinfonia na medida em que mostram a impossibilidade de termos uma única linguagem que dê conta de falar da pessoa de Jesus. Cada linguagem possui elementos positivos e verdadeiros que não podem ser ignorados, mas devem confluir para uma experiência mais profunda do fiel crente com a pessoa de Jesus.

## 6 A MODO DE CONCLUSÃO

À guisa de conclusão pode-se dizer que Libanio expôs de modo magistral a variedade de ângulos e possibilidades discursivas sobre a pessoa de Jesus, apontando os aspectos originais e criativos, bem como os seus limites. Como pano de fundo desta análise, está a própria experiência de Libanio com a pessoa de Jesus, de modo que sua descrição enquanto analisava os diferentes aspectos do discurso também apresentava os elementos primordiais da pessoa de Jesus que determinaram suas opções na caminhada existencial-teológica. A presente reflexão, longe de pretender abarcar todos os elementos da reflexão cristológica de Libanio, ressaltou aspectos da pessoa de Jesus que predominam no discurso cristológico de Libanio e que servem de chave de leitura para compreender seu percurso existencial-teológico.

Os Evangelhos manifestam-se como base fundamental da reflexão cristológica. Neles temos acesso à experiência que fez a comunidade cristã com a pessoa de Jesus podendo aproximar-nos de sua vida e pregação especialmente com os componentes advindos da pesquisa exegética. O conhecimento de Jesus conduz o discípulo ao seguimento que implica recriar, em nosso contexto, o caminho por ele percorrido, fazendo com ele a opção pelos pobres. Para tanto, impõe como necessária a busca por viver na liberdade de filhos de Deus tal como viveu Jesus. Liberdade que procede da experiência íntima e profunda de Deus amor.

A Cristologia de Libanio partindo de sua vivência enquanto teólogo, jesuíta, professor, pastor, nos interpela, pois questiona a capacidade de nossas reflexões de tocar a vida das pessoas e de ser um verdadeiro serviço aos crentes, à humanidade, ao planeta. Qual é a experiência de Deus que sustenta nossos discursos? Onde está balizada nossa cristologia? Estamos dispostos a enfrentar as críticas que podem vir de nossas reflexões? Oxalá a vida de doação de Libanio corrobore para sermos melhores cristãos e, se possível, bons teólogos.

## REFERÊNCIAS

BOFF, L. O legado humano, teológico e espiritual de J. B. Libanio, in *Perspectiva Teológica*, n. 129, p. 323-328;

DE MORI, Geraldo. João Batista Libanio: os principais eixos temáticos de uma teologia em constante movimento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v.48, n.3, p.572-589, set./dez, 2014.

LIBANIO, João Batista. Modernos conceitos de pessoa e personalidade de Jesus. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 31, n. 1, p. 47-64, 1971.

\_\_\_\_\_. Creio em Jesus Cristo. *Convergência: Revista Mensal da Conferencia dos Religiosos do Brasil*, Rio de Janeiro, v.5, n. 45, p. 9-20, maio, 1972.

\_\_\_\_\_. Atuais correntes da cristologia católica. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 37-51, out./dez., 1975.

\_\_\_\_\_. A centralidade de Jesus Cristo: Hoje e na perspectiva do novo milênio. *Convergência: Revista Mensal da Conferencia dos Religiosos do Brasil*, Rio de Janeiro, v.32, n.302, p.236-246, 1997.

\_\_\_\_\_. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. *Convergência: Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil*, Rio de Janeiro, v.28, n.260, p.77-91, 1993.

\_\_\_\_\_. *Sempre Jesus: A caminho do novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 1998.

\_\_\_\_\_. *Creio em Jesus Cristo*. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. *A escola da liberdade: subsídios para meditar*. São Paulo: Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. Acolhi a vida como dom. *IHU on Line*, São Leopoldo, v.12, n.394, p.7-12, 28 maio 2012. Entrevista concedida por e-mail à Graziela Wolfat e Luis Carlos Dalla Rosa.

\_\_\_\_\_. *Linguagens sobre Jesus (2): as linguagens narrativa e exegética moderna*. São Paulo, 2012. 173p. (Temas bíblicos).

\_\_\_\_\_. *Linguagens sobre Jesus (3): de Cristo carpinteiro a Cristo cósmico*. São Paulo: Paulus, 2013. 204 p. (Temas bíblicos)

LIBANIO, J. B.; CUNHA, C. *Linguagens sobre Jesus (1): as linguagens tradicional, neotradicional pós-moderna, carismática, espírita e neopentecostal*. São Paulo: Paulus, 2011. 95 p. (Temas bíblicos).

LIBANIO, J. B.; GUIMARÃES, E. *Linguagens sobre Jesus (4): as linguagens das juventudes e da libertação*. São Paulo: Paulus, 2013. 153 p. (Temas bíblicos).

MURAD, A.; BOMBONATO, V. *Teologia para viver com sentido*. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, P. R. Contribuições de Libanio para a refundação das CEBs, in *Perspectiva Teológica*, n. 130, p. 475-500.

SENRA, Flávio. Anexo I. Entrevista a Flávio Senra. In: MURAD, A.; BOMBONATO, V. *Teologia para viver com sentido*. São Paulo: Paulinas, 2012, p.197-210.

TEIXEIRA, Faustino. Cultivo da formação e a vida intelectual. In: MURAD, A.; BOMBONATO, V. *Teologia para viver com sentido*. São Paulo: Paulinas, 2012, p.159-169.

\_\_\_\_\_. João Batista Libanio: a eterna cadência da fé, in *Perspectiva Teológica*, n. 128, p. 135-148.